A ETNOPOESIA DE HUBERT FICHTE

Plácido Alcântara

RESUMO

O artigo trata das relações entre Antropologia e Literatura, mais precisamente de como elas são problematizadas pelo escritor alemão Hubert Fichte, cujos textos, de ficção, são resultado do estudo da teoria e da aplicação de métodos da Antropologia. Versando sobre o sincretismo das religiões afro-americanas, a obra de Fichte, a partir dos anos setenta, é denominada, pelo próprio autor, de etnopoesia, isto é, a expressão literária do saber antropológico. Ao rejeitar a prosa científica, o “etnopoeta” pretende questionar a pretensa objetividade e a utópica onipotência de pesquisadores de certas correntes da Antropologia. Faz-se por fim, um paralelo entre a crítica fichteana e a dos antropólogos ditos pós-modernos, ressaltando-se que as afinidades aparentes entre eles e a Etnopoesia escondem divergências fundamentais.

UNITERMOS

ETNOPOESIA - LITERATURA - RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

INTRODUÇÃO

A etnopoesia, tal como era compreendida e praticada pelo escritor alemão Hubert Fichte (1935-1986), é o tema deste ensaio. Para tratá-lo com alguma clareza e propriedade é preciso tomar certas precauções. Em primeiro lugar, é necessário apresentar alguns dados da vida de Fichte, sem os quais a leitura de sua obra (em grande parte autobiográfica) seria dificultada.

Em segundo lugar, dados o amplo escopo das preocupações de Fichte e as limitações deste ensaio, precisamos assumir que a análise de alguns dos muitos temas aí envolvidos só pode ser extremamente modesta. Como veremos adiante, as diversas questões suscitadas pela obra em estudo (questões vastas como: as implicações ideológicas da antropologia e as possíveis relações entre esta ciência e a literatura; as religiões afro-americanas; a crise da literatura alemã do Pós-guerra, como sintoma de um processo mais geral; a relação entre primeiro e terceiro mundos), formam um todo

complexo, cujas partes, se isoladas e descontextualizadas, perderiam muito de seu sentido. Somos, pois, forçados a um percurso por terreno amplo e escorregadio. Não podemos ignorar os riscos de acidentes.

VIDA E ESCRITA

Recurso difundido (e criticado) na teoria e crítica literária, a interpretação de textos a partir da biografia de seu autor é, aqui, um procedimento indispensável. Poderíamos justificar o imperativo com a simples afirmação de que quase todos os romances e ensaios de Fichte são marcados por nítido traço autobiográfico. A relação entre vida e escrita neste caso é, entretanto, ainda mais complexa do que o termo “autobiografia” deixa supor. Fichte esclarece:

"Meus livros não são disfarces. Descrevem um experimento: viver para encontrar uma forma de expressão."

O que quer dizer exatamente este experimento ("Versuch")? O termo, em alemão, permite interpretações várias, todas elas aplicáveis ao processo de escrita de Fichte. Remete, de um lado, à idéia de pesquisa, de "recherche", no sentido proustiano: arqueologia de si. Significa, de outro, ensaio, ou seja, texto analítico que serve à demonstração e discussão de idéias. Mas "Versuch" é também experimento de laboratório. Talvez seja nesta última acepção que o termo designa com maior propriedade a escrita fichteana. Não por acaso, o escritor define-se como "cobaia" ("Versuchperson") de si mesmo. Por meio deste experimento, o escritor-cobaia tenta reapropriar-se de situações vividas e perdidas no esquecimento. Trata-se, para usar uma expressão de Fichte, de tentar "chegar às camadas mais profundas" de si.

"De repente — mas talvez preparado por material que lentamente veio boiando até a superfície — descobri que todos os meus ensaios¹ até ali revelavam apenas um movimento: encontrar o caminho de volta às camadas anteriores."

Evidentemente, esse reapropriar-se do passado é problemático e seu sucesso depende de trabalho árduo e metódico. Mais ainda, trata-se de um processo (de certa maneira análogo à psicanálise) que, no limite, leva a uma reconstrução da pessoa do narrador que é confrontado com vivências que estavam recalçadas ou simplesmente esquecidas.

O experimento de Fichte já é perceptível em seu primeiro romance, "O Orfanato" (1965)², no qual retrata a própria infância, durante a Segunda Grande Guerra. O personagem Detlev,

filho de pai judeu (a quem não conhecia), é enviado pela mãe (aliás, protestante) a um orfanato católico na Baviera, na esperança de que a polícia não vá procurar uma criança judia justamente num lugar desses. Detlev estará a salvo, mas terá que aprender rapidamente as regras de um mundo que até então desconhecia. Detlev — um dos alteregos de Fichte, que reaparecerá em obras posteriores — é um marginal que se esforça para ser aceito naquele microcosmo de regras incompreensíveis, de rituais que não lhe provocam reação nenhuma. Para aprender a ser como os outros, ele é forçado a observá-los e entender o que são.

Os temas tratados em "O Orfanato" — a marginalidade, a necessidade de compreender o outro — serão recorrentes nos livros seguintes, sob novas formas. Isso se explica, em boa parte, lembrando-se que o próprio Fichte considerava-se triplamente marginal: filho bastardo numa época de moral tão rígida quanto hipócrita; judeu obrigado a esconder sua ascendência em pleno nazismo; e homossexual numa sociedade predominantemente heterossexual e homófoba.

O crítico Wolfgang Bader³ observa que a escrita-experimento de Fichte não é apenas um simples exercício de memória, mas sobretudo uma luta por "vivências diferentes", que, por provocarem estranhamento em quem a elas se submete, ajudam a delimitar o que essa pessoa é realmente. Segundo Bader, essa exposição a um mundo "outro" constituir-se-ia, por um lado, num instrumento apropriado à recuperação do passado e, por outro lado, em matéria mesma da prosa fichteana. Em resumo, há dois movimentos, inter-relacionados, no experimento de Fichte: pela escrita o autor "percorre a própria vida para apossar-se dela"⁴, ao mesmo tempo em que prepara na vida a matéria de seu texto.

1 Mais uma vez aparece a palavra "ensaio", comportando todos os significados que acabamos de mencionar. O texto citado é, aliás, trecho do prefácio do romance "Ensaio sobre a puberdade" (Versuch über die Pubertät. Hoffmann und Campe Verlag, Hamburg, 1974. Trad. bras.: Ed. Brasiliense, S. Paulo, 1986).

2 "Das Waisenhaus". Fischer Verlag, Frankfurt am Main, 1977. Trad. bras.: Ed. Guanabara, Rio, 1986.

3 BADER, Wolfgang. "Dos espaços da marginalidade alemã ao universo das culturas afro-americanas" (in: FICHTE, Hubert. "Etnopoesia". Ed. Brasiliense, São Paulo, 1987).

4 HEISSENBUETTEL, Helmut. "Hubert Fichte definitiv" (in: "Text und Kritik", Heft 72, Goettingen, 1981).

Mas quem é esse “outro” a que Fichte se expõe? Não se trata, certamente, de um “inteiramente outro”. Pelo menos, não até o final dos anos sessenta, ou seja, antes do escritor realizar suas viagens de estudo à África e América. Por “outro” Fichte entende, nessa primeira fase, as existências marginais da sociedade em que vive (e da qual cada vez menos se sente membro), a Hamburgo que se reconstrói no Pós-guerra e onde se dará, na década de 60, uma considerável transformação nos costumes, principalmente dos jovens, movidos pelos ventos da contracultura. Estamos, pois, diante de um paradoxo: um escritor que se define como triplamente marginal considera estranhos justamente aqueles que também se encontram na marginalidade. Mas trata-se de um paradoxo real ou apenas aparente? Vejamos.

O segundo romance de Fichte, “Die Palette” (A Palheta. 1968)⁵, tem como personagens o bar “underground” que lhe serve de título e seus frequentadores. A ação se dá no bairro portuário de St. Pauli, em Hamburgo, notório pela concentração de boemia, prostituição e homossexualismo. O livro é constituído por entrevistas realizadas com os habitués do bar: marginais de uma Alemanha que novamente enriquece, asséptica e ascética.

Entre os frequentadores do bar está o intelectual Hubert Fichte, que já é então reconhecido como escritor. “O Orfanato” fora bem recebido pela crítica, assim como o livro de contos que o antecedeu, “Aufbruch nach Turku” (Fuga para Turku. 1963). Fichte havia também participado dos encontros do Grupo 47, que reunia os principais escritores de língua alemã do Pós-guerra, entre eles Peter Handke e Hans Magnus Enzensberger. Por maior identificação que pudesse ter com a “fauna” de St. Pauli, Fichte era, em certa medida, um “estrangeiro” naquele meio. Mesmo que ali circulasse com desenvoltura, ele também começava a ter acesso ao universo dos intelectuais tolerados pelo “establishment”. Em

suma, ao contrário dos personagens de “Die Palette”, seu autor tinha maiores facilidades de atravessar pontes entre as margens e o centro da sociedade em que vivia. Deve-se salientar, porém, que Fichte sempre rejeitou as benesses de uma existência “no centro”, adotando em relação a este (por exemplo, face aos círculos literários “oficiais”) uma atitude crítica e muitas vezes francamente hostil. Em todo caso, é clara a diferença entre o autor e seus personagens.

Tal diferença é ainda acentuada pelo fato de Fichte ter vivido boa parte de sua juventude fora da Alemanha, em viagens prolongadas pela Escandinávia, França e Portugal. Seu vínculo com o país natal — mesmo com a marginalidade alemã da qual dizia fazer parte — era, portanto, tênue.

Durante os meses em que frequentou assiduamente o Pallette, Fichte adotou uma postura muito próxima daquilo que os antropólogos chamam de *observação participante*. Fez contatos, ganhou a confiança dos membros da comunidade, tomou parte na sua vida, escolheu informantes, gravou longas entrevistas e, principalmente, anotou o que viu num minucioso caderno de campo. O resultado dessa pesquisa pode ser lido como literatura “beat” (pelo universo que retrata) ou como antropologia pós-moderna (já que o autor usou — com certa liberdade — métodos de pesquisa da antropologia para construir um texto em que dá voz ao objeto e onde se tenta suprimir qualquer interpretação do pesquisador). Retomaremos mais adiante a questão da pós-modernidade na antropologia, tentando mostrar que, apesar das aparências, Fichte pouco tem em comum com essa corrente.

No momento é importante ressaltar o quanto a relação com o outro é decisiva e problemática na obra (e, por extensão, na vida) de Fichte, e como esse fato acaba aproximando o autor da antropologia. No fim dos anos 60 Fichte já dedica boa parte de seu tempo a uma leitura sistemática dos clássicos das ciências sociais, da antropologia principalmente. Esses estudos

⁵ “Die Palette” (Fischer Verlag, Frankfurt am Main, 1977). Sem tradução para o português.

serão complementados com viagens à Bahia e ao Haiti (1971-72), onde realiza pesquisas de campo sobre as religiões afro-americanas, que marcarão o início de seu projeto etnopoético.

Antes disso, ainda no começo dos anos 70, Fichte publica *"Detlevs Imitationen – Grünspan"* (As Imitações de Detlev – Azinhavre. 1971)⁶, espécie de continuação de *"O Orfanato"*, e *"Interviews aus dem Palais d'Amour"* (Entrevistas do Palais d'Amour. 1972)⁷, com a mesma estrutura e os mesmos personagens de *"Die Palette"*. Nessa época realiza também diversas entrevistas com figuras públicas: Jorge Luis Borges, Leopold Sedar Senghor, Salvador Allende, Jean Genet e outros.

ETNOPOESIA

Em meados dos anos 70, Fichte está completamente envolvido com o estudo das religiões afro-americanas. Passa longos períodos na Bahia e no Haiti, vai à Venezuela, a São Domingos, Trinidad, São Luiz do Maranhão. Antes disso, já tinha feito estudos sobre psiquiatria africana no Senegal. Enfim, o escritor está mais e mais afastado da Alemanha e isso se refletirá em seus livros. Normalmente, a crítica divide a obra de Fichte em duas fases sem muitas características comuns: a primeira, "alemã", e a segunda, etnopoética – que compreende a trilogia *"Xangô"* (1976), *"Petersilie"* (Salsinha. 1980) e *"Lazarus und die Waschmaschine"* (Lázaro e a máquina de lavar. 1985), além de *"Das Haus der Mina in São Luiz do Maranhão"* (A Casa das Minas em São Luiz do Maranhão. 1989)⁸. Poucos reconhecem a unidade da produção de Fichte. Nessa perspectiva, o romance *"Ensaio sobre a puberdade"*⁹, surge como uma obra

problemática, já que aí são tratadas, simultaneamente, a questão do sincretismo religioso afro-americano e a puberdade problemática do autor na Alemanha Pós-guerra.

Ora, como já vimos, mesmo na chamada "fase alemã" existe no autor a preocupação com o outro e seu interesse pela antropologia já é perceptível, ainda que em forma embrionária. Pode-se tentar contestar tal aproximação do outro, afirmando-se que ela só serve, na verdade, como instrumento de autoconhecimento para Fichte, como uma das etapas de seu "experimento". Em outras palavras, a busca do outro seria apenas o reverso da moeda de um centramento no eu do autor. Mas, mesmo que admitamos isso, não podemos deixar de ver que esse centramento no eu é também um ataque à pessoa do escritor, que é redefinida a partir da exposição ao outro e a partir da recuperação de vivências passadas. Assim, a "fase alemã" aparece coerentemente relacionada com a "etnopoética", sendo a segunda uma radicalização da primeira.

Além disso, toda a produção intelectual de Fichte é marcada por uma recusa da narrativa tradicional, linear, por uma reação ao romance burguês, por um questionamento da capacidade do escritor de comunicar suas experiências pessoais, enfim por aquilo que Enzensberger chamou (um tanto apocalipticamente) de "morte da literatura". O simples fato de todos os livros de Fichte serem expressão de uma recusa veemente a um certo tipo de literatura já lhes confere uma considerável unidade. Mais ainda, essa negação do romance europeu burguês é emblemática do questionamento que Fichte faz dos valores da cultura européia como um todo.

Mas afinal o que Fichte entende por etnopoesia? Qual a relação desta com a antropologia? Quais as implicações políticas deste projeto etnopoético?

6 *"Detlevs Imitationen. Grünspan"* (Fischer Verlag, Frankfurt am Main. 1979). Sem tradução para o português

7 *"Interviews aus dem Palais d'Amour"* (idem)

8 *"Xangô"*, *"Petersilie"*, *"Lazarus und die Waschmaschine"* e *"Das Haus der Mina in São Luiz do Maranhão"* (Fischer Verlag, Frankfurt am Main) Sem tradução para o português. Este último livro faz parte de uma série chamada *"História da sensibilidade"*, que deveria ter 17 volumes, mas não foi concluída por Fichte antes de sua morte, em 1986. A publicação póstuma dos rascunhos deixados pelo autor vem sendo feita gradualmente

9 FICHTE, H. *"Ensaio sobre a puberdade"* (Ed. Brasiliense, S. Paulo, 1986)

Etnopoesia — é preciso enfatizar logo de início — não é e nem aspira ser antropologia; é literatura ou, como querem alguns, “antropologia poética”. As críticas do “poeta-etnólogo” à ciência da antropologia são portanto feitas de fora dela, utilizando (por livre escolha) uma linguagem que não é científica. Isso dá a Fichte uma liberdade de expressão que os antropólogos (cientistas) não têm, mas ao mesmo tempo desqualifica (de acordo com os padrões acadêmicos) a etnopoesia enquanto saber. Não vamos aqui estabelecer uma hierarquia dos saberes, que não teria utilidade nenhuma para este ensaio, além de ser um trabalho de Sísifo. Parece mais pertinente procurar discriminar os usos que Fichte faz da antropologia e como deles resulta um texto que formalmente se diferencia da prosa científica.

“O que aprendi com a etnologia?”

*O hábito incômodo da verificação*¹⁰

Dito de maneira simplificada, a etnopoesia fichteana seria a apropriação de alguns métodos de pesquisa e teorias da antropologia, acompanhada da recusa da linguagem científica. Obviamente a opção por um determinado tipo de linguagem está ligada a uma concepção de saber. Ao rejeitar a suposta neutralidade do discurso da ciência, Fichte está também abdicando da neutralidade de pesquisador e optando por uma colocação radical de sua subjetividade no trabalho que realiza.

“Revelar pressupostos não é uma exigência científica?”

Por que tal diretor de instituto entrega a essa tal assistente o trabalho sobre o conceito de tempo?

Quem trabalha sobre necrofilia e por quê?

Será uma vergonha confessar que se está pesquisando sobre os Wolof porque se é homossexual?

Certamente não mais!

Isso significa também um fato etnológico e seria uma informação errônea escondê-lo.

(...)

*E, por fim, seria proveitoso se todos os pesquisadores que tivessem flertado ou flertassem com idéias totalitárias não escamoteassem esse flerte ao longo de sua evolução — subtraindo, assim, ao aparelho científico, mudanças, desenvolvimento, tristeza, remorso, erro — e, sim, empregassem sua força em uma análise minuciosa desse flerte.”*¹¹

Lemos, nas palavras de Fichte, uma crítica (sem dúvida pertinente) aos aspectos ideológicos escamoteados pela objetividade do pesquisador. Tal problema já foi tratado por diversos pensadores, sob variadas óticas (de Michel Foucault à Escola de Frankfurt) e, embora permaneça polêmico, sua simples formulação hoje em dia corre o risco de parecer uma obviedade. Conquanto a colocação de Fichte possa ser considerada trivial, é preciso, porém, destacar suas particularidades e seu lugar dentro da etnopoesia.

Em primeiro lugar, é necessário esclarecer que a subjetividade, em Fichte, é menos uma força inelutável do que uma opção refletida e não exclusiva. Como vimos, a escrita fichteana é um experimento em que o autor descobre os outros e a si próprio. Essa exposição ao outro, mesmo na fase etnopoética, está sempre relacionada com uma busca de si mesmo. Sabemos que mais do que qualquer outro cientista social, o antropólogo tem uma relação próxima com o seu objeto (não raro com declarada simpatia por este) e tem possibilidades de assumir (sem sair dos parâmetros científicos) a própria subjetividade. No momento em que formula suas experiências em texto, porém, o antropólogo se esforça para apagar os traços dessa subjetividade. Suas hesitações, seus valores, seus enganos, seus acidentes de percurso e sua própria pessoa são suprimidos do texto — como se fossem um “defeito”, que (quando muito) só poderia ser

10 FICHTE, H. “Ketzerische Bemerkungen für eine neue Wissenschaft von Menschen” (Observações heréticas para uma nova ciência do homem) in: “Petersille” (Fischer Verlag, Frankfurt am Main, 1980), o trecho citado está incluído na coletânea de textos de Fichte, “Etnopoesia” (Ed. Brasiliense, S. Paulo, 1987).

11 FICHTE, H. “Etnopoesia”

revelado na intimidade dos diários. O texto fichteano, ao contrário, é uma tentativa de expressar todas as etapas do processo de pesquisa e escrita e todos os interesses pessoais do autor.

Em resposta à assepsia e objetividade da prosa científica, Fichte propõe uma escrita-alternativa que se aproxima muito do espírito barroco. Para começar, Fichte nem sequer descarta o recurso ao texto "científico", mas este é apenas parte de um exuberante arranjo lingüístico onde coexistem vários outros meios retóricos: construções cênicas, textos jornalísticos, sucessões de metáforas e metonímias, depoimentos, citações, etc. Para retratar um transe, por exemplo, Fichte constrói um texto de caráter **performativo**¹², isto é, que realiza aquilo de que fala (aqui cabe uma associação com Novalis, que escreve sobre literatura usando na prática as idéias, a forma e o estilo que, justamente naquele texto, afirma serem seu ideal). No texto abaixo, o sentido é dado sobretudo pelo ritmo das frases, que imita o bater dos tambores.

"Freddy comanda os tambores.

Freddy transforma-se no revolucionário

Camillo Torres.

*Freddy dita mensagens aos tocadores de
tambor.*

*Freddy transforma-se no libertador Simón
Bolívar.*

Simón Bolívar chora.

*Simón Bolívar chora o destino de seu povo e
a miséria do mundo.*

Freddy transforma-se no índio perdido.

*Freddy transforma-se no negro Felipe.*¹³

Alguns críticos vêem nessa tendência ao barroco uma tentativa de adequar o texto à complexidade do assunto de que trata¹⁴. Seria proveitoso desenvolver um pouco mais a relação

do barroco com a modernidade, explorando talvez o filão aberto por Walter Benjamin em sua tese "As Origens do drama barroco alemão". Mas, considerados os limites de nosso estudo, vamos nos ater a Fichte.

Fichte empenha-se em construir um texto que expresse a pluralidade de seu objeto e lança mão de uma análise interdisciplinar. Assim como, por exemplo, Pierre Bourdieu, o escritor alemão leva em conta tanto aspectos sociológicos (apresentação dos contextos sociais e políticos em que se dão os cultos) como antropológicos. Não abre mão tampouco de análises fenomenológicas, psicológicas (história pessoal dos participantes das religiões) e estéticas, sempre que impostas pelo objeto. Para Fichte, o sincretismo religioso engendra necessariamente um texto e uma análise igualmente sincréticos.

*"A cultura afro-americana se assemelha a
uma fuga barroca.*

*Temas, ritos se enlaçam, sincopadamente se
entrelaçam, relacionam-se uns aos outros; são
invertidos, acelerados, retardados, parecem
sobrepor-se, contradizer-se de modo desconexo:*

Elementos totalmente estranhos entre si.

*São perdidos de vista, esquecidos, não se
consegue visualizá-los.*

*E, no entanto, são de uma grandeza, um todo,
que só se pode entender quando cada elemento for
vivenciado dolorosamente, recuperando-se a
visão de conjunto de sociedades, continentes,
épocas.*¹⁵

Essa idéia de fuga barroca, de várias vozes que falam numa mesma obra, que define tão bem o texto (e o assunto) de Fichte, o aproxima do conceito de texto "dialógico" ou "polifônico", tal como é esboçado por James Clifford. Nesse tipo de texto, é feita uma justaposição da voz do cientista e da voz do objeto, numa tentativa de minimizar a interferência do autor na obra. Essa interferência pode ser ainda mais reduzida —

12 Sobre o conceito de performatividade, cf. AUSTIN, John L., "How to do things with words" (Oxford University Press, New York, 1973). Sobre a performatividade em Novalis, cf. MOSER, Walter "La poétique de l'encyclopédie" (mimeo).

13 FICHTE, op. cit.

14 BADER, op. cit.

15 FICHTE, op. cit.

acreditam os pós-modernos — por meio da supressão da interpretação. Embora não caiba aqui uma discussão detalhada da antropologia pós-moderna, é preciso ressaltar que a presença do autor é inevitável numa obra, seja ela científica ou não. É o autor, obviamente, que dá a palavra final. Mesmo se várias vozes são ouvidas em um texto, é o autor que as harmoniza, é ele que, movido por seus próprios interesses, realiza a colagem dos discursos.

Já a etnopoesia, embora permita que seu objeto fale ao leitor, não pretende suprimir a mediação do autor. Diferencia-se também da antropologia pós-moderna no que diz respeito à interpretação. Fichte, em nenhuma de suas obras etnopoéticas, abre mão dela, embora rejeite o papel de observador onipotente. O “poeta etnólogo” coloca-se inteiramente naquilo que faz, declara interesses, toma partidos, revela de onde, por que e para que fala.

Além disso, a extrema preocupação de Fichte com a elaboração da linguagem, contrasta com a pouca inventividade literária dos textos de autores como Paul Rabinow¹⁶. O escritor alemão certamente não lhes toleraria a insipidez. Como vimos, o ponto mais problemático da relação de Fichte com a antropologia como um todo é justamente a linguagem e todas as suas implicações

ideológicas. Se Fichte afirma (em tom de provocação) que a prosa científica é o resíduo de uma concepção de antropologia do século passado, de um saber a serviço do colonialismo, fica evidente que a contribuição dos pós-modernos para uma nova ciência do homem é (pelos padrões fichteanos) limitada.

Pode-se argumentar, finalmente, que a etnopoesia fichteano não serve à comprovação ou demonstração de nenhuma idéia original ou relevante (nos moldes aceitáveis pela antropologia) sobre as religiões afro-americanas. Mesmo que tal ilação tivesse fundamento, seria necessário reconhecer que Fichte lança à antropologia questões pertinentes e atuais, num momento em que essa ciência questiona suas posições e possibilidades no estudo das sociedades complexas.

Além disso, está por trás do projeto de Fichte a tentativa de articular um discurso livre da tentação de dominar o mundo, que repense a relação entre centro e periferia (numa escala mundial) ou centro e margem (no interior das culturas). Trata-se de um trabalho de militância política, que redefine suas estratégias de acordo com a instância de poder que tem que enfrentar, sempre em defesa do marginal, do plural, daquilo que sobrevive em meio a adversidades.

16 Cf. RABINOW, Paul. “Representations are social facts: Modernity and post-modernity in anthropology”